

Carmen Maria Machado

Na casa dos sonhos



Tradução de Tânia Ganho

A Casa dos Sonhos como Prólogo

No seu ensaio «Venus in Two Acts»,¹ a propósito da escassez de relatos contemporâneos africanos acerca da escravidão, Saidiya Hartman fala sobre a «violência do arquivo». Este conceito — também chamado «silêncio arquivístico» — ilustra uma verdade difícil: por vezes, destroem-se histórias e, por vezes, elas nunca chegam a ser verbalizadas à partida; seja como for, algo muito grande está irrevogavelmente em falta nas nossas histórias coletivas.

A palavra *arquivo*, diz-nos Jacques Derrida, vem do grego antigo *ἀρχεῖον*: *arkheion*, «a casa do governador». Quando descobri esta etimologia, fiquei impressionada com o uso de *casa* (amante de histórias de casas assombradas, adoro metáforas arquitetónicas), mas o elemento mais eloquente é o poder, a autoridade. O que é incluído no arquivo ou excluído dele é um ato político, ditado pelo arquivista e pelo contexto político em que vive. Isto aplica-se quer ao que um progenitor decide que merece ser registado nos primeiros anos de vida de uma criança, quer — como a Europa e os seus *Stolpersteine*, os seus «obstáculos» — ao acerto de contas que um continente faz publicamente em relação ao seu passado. *Foi aqui que o Sebastian deu os primeiros passos com os seus pezinhos gorduchos de bebé; era nesta casa que a Judith vivia quando a conduzimos para a sua morte.*

Por vezes, a prova não é incluída no arquivo: não é considerada suficientemente importante para ser registada, ou então

¹ «Venus em Dois Actos». (*N. da T.*)

suficientemente importante para ser conservada. Por vezes, verifica-se um ato deliberado de destruição: pensem nas cartas mais explícitas trocadas entre Eleanor Roosevelt e Lorena Hickok, queimadas por Hickok por serem indiscretas. Quase de certeza eróticas e divertidíssimas, tendo em conta o que não foi queimado. («Tenho imensa fome de te ver.»)²

José Esteban Muñoz, especialista em teoria *queer* já falecido, salientou que «o *queer* tem uma relação especialmente conturbada com as provas. [...] Quando o historiador da experiência *queer* tenta documentar um passado *queer*, depara muitas vezes com um guarda ao portão, que representa um presente heterossexual». Que fica para trás? Lacunas em que as pessoas não se reveem nem encontram informação sobre si próprias. Buracos que as impossibilitam de se contextualizarem. Fendas nas quais as pessoas caem. Silêncio impenetrável.

O arquivo completo é mitológico, possível só na teoria; talvez algures na Biblioteca Total de Jorge Luis Borges, enterado sob a história pormenorizada do futuro e dos seus sonhos e meios sonhos na madrugada de 14 de agosto de 1934. Mas podemos tentar. «Como se contam histórias impossíveis?», pergunta Hartman, e sugere muitos caminhos: «propondo uma série de argumentos especulativos», «explorando as capacidades do conjuntivo (um modo gramatical que expressa dúvidas, desejos e possibilidades)», escrevendo a História «com e contra o arquivo», «imaginando o que não pode ser verificado».

A mulher maltratada existe certamente desde que os seres humanos são capazes de manipulação psicológica e violência interpessoal, mas enquanto conceito compreendido a nível geral não existia — nem o conceito, nem ela — até há cerca

² Eleanor Roosevelt numa carta a Lorena Hickok, 17 de novembro de 1933.

de cinquenta anos. A discussão sobre violência doméstica no âmbito das comunidades *queer* é ainda mais recente, e ainda mais encoberta. Quando analisamos as formas que a violência íntima assume atualmente, cada conceito novo — a vítima masculina, a agressora feminina, agressores *queer* e vítimas *queer* — revela-se como mais um fantasma que sempre existiu, a assombrar a casa do governador. Os académicos, escritores e pensadores modernos têm novas ferramentas para mergulhar nos arquivos, da mesma maneira que os historiadores e estudiosos fizeram as suas noções sobre a sexualidade *queer* contemporânea ressoarem através do passado. Ponderem: qual é a topografia desses buracos? Onde vivem as lacunas? Como nos aproximamos do todo? Como compensamos as pessoas maltratadas do passado sem provas físicas do seu sofrimento? Como orientamos o nosso registo na direção da justiça?

Um livro de memórias é, no seu cerne, um ato de ressurreição. Os autores de memórias recriam o passado, reconstituem diálogos. Dão sentido a acontecimentos que estiveram durante muito tempo adormecidos. Entrelaçam os barros da memória e do ensaio com os factos e a perceção, amassam-nos numa bola, tendem-nos. Manipulam o tempo; ressuscitam os mortos. Colocam-se, a si próprios e a terceiros, no devido contexto.

Eu registo no arquivo que a violência doméstica entre parceiros que partilham uma identidade de género não só é possível, como não é incomum, e pode ter mais ou menos estes traços que descrevo. Falo para o silêncio. Atiro a pedra da minha história para dentro de uma grande fenda; meço o vazio pelo som discreto que produz.

A Casa dos Sonhos como Não-Metáfora

Depreendo que já tenhas ouvido falar da Casa dos Sonhos. É, como sabes, um lugar de verdade. Ergue-se na vertical. Fica junto de uma floresta e à beira de um relvado. Tem fundações, embora os rumores sobre mortos enterrados nelas sejam, quase de certeza, ficção. Costumava haver um baloiço pendurado do ramo de uma árvore, mas agora existe só uma corda, com um simples nó, a baloiçar ao vento. Poderás ter ouvido histórias sobre o senhorio, mas garanto-te que são falsas. No fim de contas, o senhorio não é um homem, mas uma universidade inteira. Uma cidadezinha de senhorios! Consegues imaginar tal coisa?

A maior parte das tuas suposições está correta: tem chão, paredes, janelas e telhado. Se pressupões que há dois quartos, estás simultaneamente certa e errada. Quem pode dizer que só há dois quartos? Qualquer divisão pode ser um quarto: só é preciso uma cama, ou nem sequer isso. Basta uma pessoa lá dormir. O habitante dá à divisão a sua finalidade. Os nossos atos são mais poderosos do que as intenções de qualquer arquiteto.

Trago esta questão à baila porque é importante lembrar que a Casa dos Sonhos é de verdade. É tão de verdade como o livro que tens nas mãos, embora muito menos assustadora. Se eu quisesse, podia dar-te a morada e tu podias ir lá de carro e sentar-te diante da Casa dos Sonhos, a tentar imaginar as coisas que aconteceram no seu interior. Não o recomendo. Mas podias fazê-lo. Ninguém te impediria.

A Casa dos Sonhos como Picaresco

Antes de conhecer a mulher da Casa dos Sonhos, eu vivia num T2 minúsculo em Iowa City. Uma desgraça: o proprietário era um explorador e a casa estava a cair aos bocados, cheia de pormenores ecléticos e tenebrosos. Havia um quarto na cave — os meus colegas e eu chamávamos-lhe o quarto dos assassínios — com o chão, as paredes e o teto vermelho-sangue, agravado por um alçapão secreto e um telefone fixo que não funcionava. Noutra zona da cave, um sistema de aquecimento lovecraftiano estendia os seus compridos tentáculos ao resto da casa. Quando o tempo estava húmido, a porta da rua inchava na moldura e recusava-se a abrir, como um olho esmurrado. O quintal era enorme, com um buraco para uma fogueira e orlado de hera venenosa, árvores, uma cerca podre.

Eu vivia com o John e a Laura e o gato deles, o *Tokyo*. Eles eram um casal, antigos floridenses, pálidos e de pernas altas, que tinham andado juntos no liceu dos *hippies* e tinham vindo para o Iowa fazer as respetivas licenciaturas. A encarnação do estilo excêntrico e afetado da Florida e, em última instância, a única coisa, pós-Casa dos Sonhos, que manteria esse estado nas minhas boas graças.

A Laura parecia uma estrela de cinema antiquada: de olhos ingénuos e etérea. Era seca, desdenhosa e incrivelmente divertida; escrevia poesia e estava a tirar um curso de Ciências Documentais. Ela tinha aura de bibliotecária, o sábio conduto para o conhecimento público, como se nos pudesse

conduzir aonde precisávamos de estar. O John, por sua vez, parecia um ex-roqueiro *grunge* transformado em professor universitário que descobrira Deus. Fazia *kimchi* e chucrute nuns frascos enormes de vidro, que vigiava na bancada da cozinha como um botânico louco; uma vez, passou uma hora a descrever-me o enredo de *Against Nature*⁴ com uma profusão de pormenores, incluindo a sua cena preferida, em que o anti-herói excêntrico e vil encastra joias exóticas numa carapaça de tartaruga e a pobre criatura, «incapaz de suportar o luxo ofuscante que lhe impuseram», morre do peso excessivo. Quando conheci o John, ele disse-me: «Tenho uma tatuagem, queres ver?» E eu disse: «Quero», e ele respondeu: «OK, vai parecer que te estou a mostrar o material, mas não estou, juro que não» e, quando arregaçou os calções, no cimo da coxa vi uma tatuagem artesanal de uma igreja de pernas para o ar. «É uma igreja de pernas para o ar?», perguntei, e ele sorriu e mexeu as sobrancelhas — não de maneira lasciva, mas com genuíno ar matreiro — e disse: «De pernas para o ar na perspectiva *de quem?*» Uma vez, quando a Laura saiu do quarto deles de calções esfiapados e a parte de cima de um biquíni, o John olhou para ela com um amor verdadeiro e descomplicado, e disse: «Miúda, quero cavar-te um poço para te saciares.»

Tal qual uma pícara, passei a idade adulta a saltar de cidade em cidade, colecionando almas gémeas a cada paragem; um grupo de guardiães que têm cuidado bem de mim (uma cuidadora de guardiães, a querida dos guardiães). A minha amiga Amanda, da faculdade, minha colega de

⁴ *Against Nature* é a versão americana de *À Rebours*, de Joris-Karl Huysmans (1884); foi publicado pela Penguin Brasil com o título *Às Avessas*.

quarto e de casa até aos meus vinte e dois anos, que, com a sua mente acutilante e lógica, nenhuma afetação e sentido de humor mordaz, assistiu à minha evolução de adolescente caótica a semiadulta caótica. A Anne — jogadora de rãguebi de cabelo cor-de-rosa, a primeira vegetariana e lésbica que conheci na vida —, que supervisionara a minha saída do armário como uma benevolente deusa *gay*. A Leslie, que me ajudou na minha primeira rotura dolorosa, com *brie* e garrafas de vinho a dois dólares e a companhia dos animais dela, incluindo uma *pit bull* robusta chamada *Molly* que me lambia a cara até eu me desfazer em riso histérico. Toda a gente que alguma vez leu e comentou o meu LiveJournal, que mantive zelosamente dos quinze aos vinte e cinco anos, despejando o que me ia na alma para um bando heterogéneo de poetas, excêntricos *queer*, programadores, peritos em jogos de representação e escritores de *fanfiction*.

O John e a Laura eram assim. Estavam sempre presentes, íntimos um com o outro de uma maneira e íntimos comigo de uma maneira diferente, como se eu fosse uma irmã querida. Não estavam propriamente a zelar por mim; eram os protagonistas das suas próprias histórias.

Mas esta história? Esta é minha.

A Casa dos Sonhos como Máquina em Perpétuo Movimento

Há um jogo que eu fazia nas aulas de Educação Física quando tinha oito anos e me mandavam para a zona do *outfield* no campo de basebol. Punha-me tão longe de toda a gente que as bolas que os meus colegas lançavam não me podiam alcançar e a professora parecia não reparar que eu estava sentada de pernas abertas na relva alta.

A professora, a dona Lily, era baixa e entroncada e usava o cabelo muito curto, e um dos miúdos da minha turma chamava-lhe lésbica. Eu não fazia ideia do que isso significava; creio que ele também não. Estávamos em 1994. A dona Lily usava umas calças de desporto muito largas com manchas verdes e roxas fluorescentes num padrão abstrato que dava cabo dos olhos. (Quando soube a história do José e da sua túnica variegada, na catequese, só me vinha o traje da dona Lily à cabeça.) O tecido sintético silvava quando ela andava; ouvíamo-la sempre a aproximar-se. Tenho uma recordação nítida dela a tentar explicar-nos o isolamento corporal: desenhava uma linha pelo meio do corpo, começando pelo cocuruto. Quando chegava às virilhas, os miúdos soltavam risinhos. A partir daí, mostrava-nos o lado esquerdo e o lado direito, como os mover de maneira independente e em conjunto. Girava os braços como uma atração de feira popular.

«Desporto!», dizia ela, tocando no pé esquerdo com a mão direita e, depois, com a mão esquerda no pé direito. «Só temos um corpo! Temos de cuidar dele!» Realmente, talvez ela fosse lésbica.

Sentada na relva durante os jogos de basebol, eu arrancava as ervas todas ao meu alcance, ficando com as mãos a cheirar a terra e a cebolinha-brava. Partia caules de dentes-de-leão e maravilhava-me com a sua seiva branca e pegajosa. O jogo é o seguinte: pega-se no dente-de-leão e esfrega-se com força no queixo — no meu caso, por cima da cicatriz branca e estreita que ganhei quando caí da banheira em pequenina —, com tanta força que as florzinhas começam a desfazer-se. Se o queixo ficar amarelo, significa que a pessoa está apaixonada.

Aos oito anos, eu era escanzelada, ansiosa. Era demasiado nervosa para ser sonhadora, a maior parte do tempo, mas sentar-me na relva dava-me uma certa paz. Em todas as aulas, pegava na cabeça cortada do dente-de-leão e esfregava-a no queixo até se tornar uma bola quente e molhada, um botão que ainda não abrira.

O truque, ou talvez seja a piada, é que o amarelo tingem sempre a pele. O dente-de-leão cede sempre. Não tem manhas, nem segredos, nenhum sentido de autopreservação. E assim, mesmo em criança, aprendemos uma coisa que não conseguimos expressar: o diagnóstico nunca muda. Teremos sempre fome, quereremos sempre. O nosso corpo e a nossa mente ansiarão sempre por alguma coisa, mesmo que não a identifiquemos.

E da mesma maneira que a destruição do dente-de-leão nos diz algo sobre nós próprios, a nossa própria destruição também: os nossos corpos são ecossistemas e desfazem-se de camadas, substituem-nas e reparam-nas até morrermos. E, quando morremos, os nossos corpos alimentam a terra sedenta, as nossas células tornam-se parte de outras células e, no mundo dos vivos, onde costumávamos existir, as pessoas beijam-se e dão as mãos, apaixonam-se e fodem,

riem e choram, magoam outras pessoas e cuidam de corações destroçados e começam guerras, tiram crianças a dormir de cadeiras de automóvel e gritam umas com as outras. Se conseguíssemos domar essa energia — essa fome constante e errante —, poderíamos fazer maravilhas com ela. Poderíamos empurrar a Terra centímetro a centímetro através do cosmos, até colidir de frente com o Sol.

A Casa dos Sonhos como Exercício de Ponto de Vista

Tu não foste sempre só um Tu. Eu era um todo — uma relação simbiótica entre as minhas melhores e piores partes — e, depois, cortaram-me: um golpe limpo que separou a primeira pessoa — a mulher segura e confiante, a rapariga detetive, a aventureira — da segunda, que estava sempre ansiosa e a vibrar como uma raça de cão demasiado pequena.

Fui-me embora e, então, comecei a viver: mudei-me para a Costa Leste, escrevi um livro, fui morar com uma mulher linda, casei-me, comprei uma casa vitoriana labiríntica em Filadélfia. Aprendi coisas: a preparar *manhattans* e a usar água feculenta de cozer massa para criar molhos e manter as suculentas vivas.

Mas tu. Tu arranjaste emprego como corretora de testes padronizados. Durante um ano, fizeste sete horas ao volante de um carro para ir ao Indiana, semana sim, semana não. Na segunda metade do teu mestrado em Belas-Artes, praticamente só entregaste porcarias. Choraste à frente de muitas pessoas. Faltaste a leituras, festas, à superlua. Tentaste contar a tua história a pessoas que não sabiam escutar. Fizeste figura de palerma, em muitos sentidos.

Pensei que tinhas morrido, mas, ao escrever este texto, já não tenho a certeza.

A Casa dos Sonhos como Episódio Catalisador

Conhece-la numa noite de semana, num jantar com uma amiga comum, num restaurante em Iowa City onde as paredes são janelas. Ela está suada, acabou de sair do ginásio, o cabelo louro quase branco apanhado num rabo de cavalo curto. Tem um sorriso deslumbrante, uma voz rouca que faz lembrar o som de um carrinho de mão a passar por cima de pedras. É aquele misto de *butch e femme*⁵ que te deixa louca.

Tu e a tua amiga estão a falar sobre televisão quando ela chega; tens estado a queixar-te das histórias de homens, histórias de homens, tudo é histórias de homens. Ela ri-se, concorda. Diz-te que acabou de se mudar de Nova Iorque, recebe subsídio de desemprego e está a candidatar-se a programas de mestrado em Belas-Artes. Também é escritora.

Sempre que ela fala, tu sentes alguma coisa dentro de ti a cair. Recordarás muito pouco do jantar, exceto que, no final, queres prolongar o serão, pelo que pedes um chá, onde é que já se viu. Bebe-lo — uma boca cheia de calor e ervas aromáticas, a queimar-te o palato —, tentando não olhar fixamente para ela, tentando ser encantadora e descontraída, enquanto o desejo cresce nos teus membros. As tuas paixonetas femininas passavam sempre por ti a pairar, fora do teu alcance, mas ela toca-te no braço e fita-te nos olhos e tu sentes-te uma criança a comprar uma coisa com o seu próprio dinheiro pela primeira vez.

⁵ Expressões que designam, respetivamente, as lésbicas mais masculinas e as lésbicas mais femininas. (*N. da T.*)

A Casa dos Sonhos como Palácio da Memória

Eis a casa, vista de fora. Tem uma porta que dá para a rua, mas tu nunca entras pela porta da rua.

Eis o que bordeja o caminho da entrada: todos os rapazes que gostaram de ti em menina. O Colin, filho do dentista, que te disse, num murmúrio, que o teu vestido era lindo. Baixaste os olhos para confirmares por ti própria e, depois, afastaste-te aos pulinhos, alegremente. (Uma prima-dona, já nessa altura! A tua mãe contou-te esta história; eras tão pequena, que não te lembravas.) O Seth, que, no sexto ano, te comprou um livro de ficção científica da coleção «Animorphs» novinho em folha — aquele em que a Cassie se metamorfoseia em borboleta na capa — e pediu à mãe para o levar a tua casa de carro, para ele to oferecer. O Adam, o teu querido amigo que trabalhava no cinema local e levava para casa sacos do lixo com pipocas da véspera para poderes ver filmes que os teus pais nunca te deixariam ver: *Memento* e *Dancer in the Dark*, *Pulp Fiction* e *Mulholland Drive* e *E a Tua Mãe Também*. O Adam gravou tantos CD para ti. Alguns eram demasiado esquisitos para o teu gosto. Havia uma banda que se limitava a destruir instrumentos diante dos microfones e tu reviraste os olhos e disseste: «Que estupidez.» Mas, depois, a mãe do Adam levou-vos aos dois a Filadélfia, em janeiro, para verem um concerto dos Godspeed You! Black Emperor. A banda começou tarde e vocês aninharam-se juntos numa camisola com capuz partilhada. A música era bizantina, caleidoscópica, inexplicavelmente bonita. Tu nem sabias como falar sobre

a mistura de áudio e som, a maneira como a sinfonia te inundou, pondo todas as partes do teu corpo a vibrar. Uma vez, o Adam escreveu uma história sobre ti e, mais tarde, uma música, quando te foste embora para a faculdade. Não sabias o que fazer com o amor do Adam, o afeto constante que nada pedia em troca. A seguir, a Tracey, que tinha um irmão gémeo, o Timmy. Eram mórmones e queridos e tiveste uma paixoneta pelo Timmy, mas a Tracey tinha uma paixoneta por ti. Uma vez, encomendaste um Livro de Mórmon gratuito pela internet e acabaste por ter uma conversa de duas horas com um rapaz — parecia tão giro pela voz — que te ligou de Salt Lake City para aferir o teu interesse pela religião deles. Não podias dizer: «Encomendei o livro porque estou apaixonada pela metade de um casal de gémeos mórmones e a outra metade tem uma paixoneta por mim.» Portanto, discorreste ao invés durante duas horas sobre teologia antes de desligares, pesarosa. Seja como for, esses rapazes: desconfiaste dos sentimentos deles porque não tinhas motivos para te amares a ti própria, nem ao teu corpo, nem à tua mente. Rejeitaste tanta delicadeza. Que procuravas?

O pátio das traseiras: a faculdade. Tantas paixonetas não correspondidas e — em última instância — o pior sexo. Uma vez, atravessaste quatro estados ao volante de um carro para dormir com um homem no norte do estado de Nova Iorque em pleno inverno. Estava tanto frio que o produto de farmácia que usavas para lavar a cara congelou no tubo. O sexo foi mau, claro, mas aquilo de que te lembras melhor é o que *querias* daquela noite. Querias esse tipo de desejo que nos faz atravessar quatro estados de carro. Querias que alguém se sentisse obcecado por ti. Como é que podias conseguir isso? Passaste a noite acordada de olhos fixos no lampião do parque de estacionamento que se via pela janela do quarto

dele. Porque é que os homens nunca têm cortinas? Como é que conseguimos que uma pessoa que queremos nos queira? Porque é que ninguém te amava?

A cozinha: OkCupid, Craigslist. Viver na Califórnia e tentar sair com mulheres, mas falhar, porque as lésbicas da Bay Area se irritavam bastante com a questão da bissexualidade. Portanto, um desfile de homens: homens queridos e homens péssimos e homens mais velhos. Homens com uma carreira e estudantes. Um astrofísico, vários programadores. Um tipo com um barco na marina de Berkeley. Depois, a mudança para o Iowa e uma série de encontros amorosos muito maus, incluindo um com um homem que, mais tarde, viste várias vezes na sala de espera do teu psicólogo. Ele tocava piano. Seria aluno de Medicina? Já mal te lembras.

A sala de estar, o escritório, a casa de banho: namorados, ou uma coisa parecida com isso. O Casey, o Paul e o Al. O Casey foi o pior. O Al, o mais querido. O Paul era perfeito, de cair para o lado: fodia-te, alimentava-te e tentava ensinar-te a amar a Califórnia. Era tudo o que querias. Era tão bonito. Adoravas o rabo penugento dele, a barbinha surpreendentemente macia, a força das mãos. Querias aninhar-te dentro dele e que ele se aninhasse dentro de ti. Fazia-te sentir especial, sensual e inteligente. Acabou a relação contigo porque não te amava, o que é uma ótima razão para romper com alguém, embora na altura só te apetecesse morrer.

O quarto de dormir: é melhor não entrar aí.

A Casa dos Sonhos como Viagem no Tempo

Uma das perguntas que te tem atormentado: saber ter-te-ia tornado mais burra ou mais esperta? Se, um dia, um portal galáctico se tivesse aberto no teu quarto e uma versão mais antiga de ti tivesse saído de lá e te tivesse dito o que sabes hoje, tê-la-ias escutado? Gostas de pensar que sim, mas provavelmente mentes; não deste ouvidos a nenhum dos teus amigos mais inteligentes e sensatos, quando te confessaram que estavam preocupados contigo, portanto, por que diabo darias ouvidos a uma versão de ti própria que saiu à força de um orifício no tempo como um recém-nascido?

Há uma teoria sobre as viagens no tempo chamada «princípio de autoconsistência de Novikov», em que Novikov afirma que, se *fosse* possível viajar no tempo, seria impossível viajar para o passado e alterar acontecimentos que já ocorreram. Se o teu eu-presente pudesse regressar ao passado, poderias certamente fazer observações que pareceriam *novas* — observações que desfrutariam do benefício da retrospectiva em tempo real —, mas serias incapaz, por exemplo, de impedir os teus pais de se conhecerem, porque, por definição, isso já acontecera. Fazê-lo, segundo Novikov, seria tão impossível como saltar através de um muro de tijolos. O tempo — o enredo do tempo — é fixo.

Não, o viajante no tempo de Novikov é a tola trágica que se apercebe, demasiado tarde, de que foi a sua viagem ao passado que determinou precisamente o destino que ela queria

impedir que acontecesse. Talvez tenhas confundido a tua voz futura a gritar através das paredes com outra coisa qualquer: o ritmo de um batimento cardíaco e, depois, acelerando de desejo, um ronronar.

**De uma das mais inovadoras e premiadas
novas vozes das letras contemporâneas americanas,
um livro de memórias transformador, que desvela
que, no meio do amor, pode irromper a mais
intolerável violência.**

«Por vezes, tiram-nos a língua, por vezes calamo-la por iniciativa própria. Por vezes vivemos, por vezes morremos. Por vezes temos nome, por vezes designam-nos pelo que somos e não por quem somos. A história parece sempre um nadinha diferente, dependendo de quem a conta.»

Carmen Maria Machado irrompeu na cena literária norte-americana como um furacão, combinando a tradição folclórica com a modernidade, para sondar terrenos minados como a violência doméstica, o patriarcado e o amor tóxico. Se no elogiadíssimo volume de contos *O corpo dela e outras partes* o fez no campo da ficção, neste livro bastou-lhe escavar na memória. Partindo da experiência de uma relação asfíxiante com uma mulher carismática, porém, volátil, a autora faz uma dissecação inédita dos mecanismos do abuso psicológico, analisando como ela própria se foi transformando nas garras da violência. E deixa um aviso: quem julga entrar na casa dos sonhos pode, afinal, estar a entrar numa casa assombrada.

Da adolescência religiosa aos estereótipos dos relacionamentos lésbicos, dos cânones da sexualidade à violência das relações amorosas, esta narrativa pungente estilhaça todas as ideias sobre o que pode ser um livro de memórias. Com uma honestidade e humanidade desarmantes, Carmen Maria Machado desafia uma história que se entranha na nossa pele e passa a ser também a nossa.



O MELHOR LIVRO DE MEMÓRIAS DA DÉCADA

LIT HUB ★ PASTE ★ AUTOSTRADDE



LAMBDA LITERARY AWARD
FOR LGBTQ NONFICTION



NATIONAL BOOK CRITICS
CIRCLE'S JOHN LEONARD
PRIZE



BROOKLYN PUBLIC LIBRARY
LITERATURE PRIZE



INDIES CHOICE
BOOK AWARD



SHIRLEY
JACKSON AWARD



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-629-1



9 789895 836291